

O MatematiQueer como lócus de resistência à escalada do conservadorismo e fomento à formação em Gêneros, Sexualidades e Educação Matemática

Hugo dos Reis Detoni¹
Luísa Cardoso Mendes²
Agnaldo da Conceição Esquincalha³

Resumo: Em tempos de ascensão do conservadorismo no campo político e social, discutir sobre gêneros e sexualidades no campo da Educação (em especial, na Educação Matemática) nos coloca em um lugar de exposição. Por meios digitais, conservadores⁴ se sentem confortáveis para atacar pesquisas de caráter crítico, principalmente as oriundas de universidades públicas. Nesse contexto, o Grupo de Pesquisa e Extensão MatematiQueer apresenta-se como um lócus de resistência a esse conservadorismo. Este artigo tem como principais objetivos (i) apresentar o MatematiQueer, alguns de seus pressupostos relativamente ao campo da Educação Matemática, bem como ações de formação e projetos desenvolvidos, e, (ii) expor e analisar os discursos mobilizados por aqueles que atacam os projetos de pesquisa e extensão do Grupo – inclusive por parte de docentes do próprio instituto em que está sediado – tendo em vista o atual debate sobre “ideologia de gênero” e outras concepções socialmente difundidas sobre a Matemática. Ao final, reiteramos a importância da resistência do MatematiQueer no campo da Educação Matemática, preocupado com o ensino e a aprendizagem de uma disciplina vista por muitos como “neutra” e “apolítica”.

Palavras-chave: Educação Matemática; Gêneros e Sexualidades; Resistência Política; Pesquisa e Extensão; Formação Docente.

¹ Doutor em Ensino e História da Matemática e da Física. Instituto Federal do Rio de Janeiro. Email: hugodetoni@gmail.com.

² Doutoranda em Ensino e História da Matemática e da Física. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: luisacamendes@hotmail.com.

³ Doutor em Educação Matemática. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: agnaldo@im.uffj.br.

⁴ Neste artigo, utilizamos a linguagem binária para nos referirmos a pessoas as quais conhecemos a identidade de gênero, e a linguagem não-binária quando a pessoa não é explicitada, demarcando um posicionamento político dos autores de visibilizar corpos historicamente marginalizados e de não privilegiar o masculino genérico.

O período compreendido entre os anos de 2019 e 2022 foi marcado por uma nítida escalada do conservadorismo no Brasil. A Coalizão Solidariedade Brasil, rede formada por 18 entidades internacionais, publicou, em janeiro de 2021, um relatório sobre a situação de direitos humanos e ambientais no país. Neste relatório foram analisadas situações específicas envolvendo temas como racismo e violência policial, violência contra mulheres e população LGBTIA+, direitos trabalhistas e emprego, dentre outros, trazendo à tona a real deterioração da situação de direitos humanos e desigualdades no país e o aumento da violência contra grupos sociais historicamente marginalizados⁵.

Em relação à política de gênero e sexual, testemunhamos constantes ataques promovidos pelo governo do ex-presidente, declarado inelegível em 2023 pelo Tribunal Superior Eleitoral, Jair Messias Bolsonaro, bem como por parte de seus aliados políticos, às pessoas LGBTIA+ e aos direitos por elas conquistados. Tais investidas abrangiam desde declarações nitidamente violentas contra essas pessoas⁶ ao total esvaziamento de políticas públicas e diretrizes governamentais voltadas a este grupo social⁷.

Apesar da recente vitória de um governo de centro-esquerda, capitaneado por Luís Inácio Lula da Silva, a representação de partidos de direita e extrema direita no parlamento brasileiro aumentou, o que sinaliza que o conservadorismo continua avançando enquanto força política. O Partido Liberal (PL), legenda à qual se filiou Jair

⁵ VILELA, Pedro Rafael. Violência, violações e desigualdade aumentaram sob Bolsonaro, diz grupo internacional. **Brasil de Fato**, 19 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/01/19/violencia-violacao-e-desigualdade-aumentaram-sob-bolsonaro-diz-grupo-internacional>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

⁶ SOARES, Ingrid. Bolsonaro afirma que pautas LGBT "destroem a família" e comemora ações na mão de Mendonça. **Correio Braziliense**, 10 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/01/4976459-bolsonaro-afirma-que-pautas-lgbt-destroem-a-familia-e-comemora-pautas-na-mao-de-mendonca.html>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

⁷ CERIONI, Clara. Sem diretrizes claras no governo Bolsonaro, LGBT temem violência e descaso. **Exame**, 6 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://exame.com/brasil/sem-diretrizes-claras-no-governo-bolsonaro-lgbt-temem-violencia-e-descaso/>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

Bolsonaro para concorrer à reeleição, foi o partido que mais ganhou cadeiras na Câmara dos Deputados durante o último pleito eleitoral, passando de uma bancada formada por 76 deputados para 99 integrantes⁸. Ao todo, o bloco de partidos que compõem o chamado centrão congrega 273 vagas na Câmara dos Deputados, contra 138 cadeiras ocupadas por partidos à esquerda⁹.

Alguns reflexos deste ambiente conservador podem ser observados, inclusive, por meio de ataques promovidos por alguns parlamentares – em sua grande maioria homens brancos, cisgênero e heterossexuais – contra deputadas (mulheres, cis e trans) que oferecem forte resistência ao avanço de suas pautas retrógradas. Tal é o caso das deputadas Erika Hilton¹⁰ e Sâmia Bomfim¹¹, constantemente atacadas durante as sessões das Comissões Parlamentares que integram.

O ambiente educacional, por sua vez, representa um alvo fortemente priorizado pelas mais diversas estratégias políticas colocadas em ação por frentes conservadoras. Tal fato não é sem motivo. A escola é um espaço privilegiado de atuação daquilo que Michel Foucault (2020) denominou *biopoder*; ou seja, um tipo de poder conhecido pelo Ocidente que não mais se exerce por meio da morte, mas que busca estabelecer seus pontos de fixação sobre a vida e ao longo de todo seu desenrolar, majorando forças e docilizando corpos.

⁸ CONFIRA os partidos que mais ganharam e mais perderam deputados nas eleições. **Câmara dos Deputados**, 4 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/911890-confira-os-partidos-que-mais-ganharam-e-mais-perderam-deputados-nas-eleicoes/>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

⁹ MAIA, Mateus; MALI, Tiago. PL e partidos de direita somarão 273 deputados na Câmara. **Poder 360**, 3 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/pl-e-partidos-de-direita-somarao-273-deputados-na-camara/>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

¹⁰ BARBIÉRI, Luiz Felipe; MATOSO, Filipe; ALVES NETO, Pedro. Parlamentares acusam deputado de transfobia contra Erika Hilton na CPI dos Atos Golpistas; presidente anuncia investigação. **G1**, 11 de julho de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/07/11/parlamentares-acusam-deputado-de-transfobia-na-cpi-dos-atos-golpistas-e-presidente-anuncia-investigacao.ghtml>. Acesso em 25 de julho de 2023.

¹¹ CPI do MST tem nova onda de ataques machistas contra Sâmia Bomfim. **CartaCapital**, 12 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/cpi-do-mst-tem-nova-onda-de-ataques-machistas-contrasamia-bomfim/>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

Para Berenice Bento¹² (2011), a escola é um espaço fundamentalmente destinado a reproduzir os valores hegemônicos de determinada sociedade. Assim, para compreendermos as diversas estratégias postas em ação na (e pela) escola, é necessário ampliarmos nosso olhar para a forma como a sociedade produz as verdades sobre o que deve ser reproduzido, incluindo-se aqui os comportamentos de gênero socialmente sancionados. Em outras palavras, o ambiente educacional representa uma importante engrenagem da *engenharia de produção de corpos normais* (BENTO, 2011) e, portanto, está profundamente comprometida com a produção dos gêneros inteligíveis¹³.

As tentativas de controle do espaço educacional são perceptíveis por meio do discurso propalado por grupos de direita e extrema direita, os quais alegam demonstrar uma suposta preocupação com a “contaminação” político-ideológica nas escolas brasileiras. Nesta perspectiva, o Movimento Escola sem Partido (MESp), inicialmente fundado por Miguel Nagib em 2004, aos poucos ganhou destaque e impulsionamento nas redes sociais a partir de um convite do então deputado estadual Flávio Bolsonaro, para que transformasse as ideias do MESp em um projeto de lei (Lúisa Cardoso MENDES; Washington Santos dos REIS; Agnaldo da Conceição ESQUINCALHA, 2022).

Desde então, o termo “ideologia de gênero” tem sido constantemente evocado para desqualificar eventuais discussões relacionadas aos feminismos e às diferenças relacionadas aos gêneros e às sexualidades. Segundo esta narrativa, qualquer abordagem envolvendo gêneros ou sexualidades na escola seria parte de uma espécie de complô para destruir a família em sua constituição tradicional, incentivando as crianças a se tornarem gays, lésbicas, bissexuais, trans etc. (MENDES; REIS; ESQUINCALHA, 2022). Portanto, a “ideologia de gênero” funciona apenas como um espantalho; isto é, um recurso discursivo para vincular tais discussões a vertentes partidárias supostamente

¹² Decidimos destacar os nomes completos das pessoas citadas, direta ou indiretamente, a fim de melhor visibilizá-las.

¹³ Para Judith Butler (2020, p. 43), “gêneros inteligíveis são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo”.

nefastas e, assim, deslegitimá-las. Para Dayana Brunetto e Thiago Luiz Sartori (2023, p. 201):

[...] é possível compreender que o neoconservadorismo utiliza a narrativa da “ideologia de gênero” para sustentar e fazer funcionar um pânico moral em relação à discussão das questões de gênero e sexualidade, numa perspectiva feminista e de garantia de direitos na escola. Esse pânico moral institui como perigoso a abordagem de gênero e sexualidade nas escolas, principalmente a partir da perspectiva feminista. [...] Em relação às mulheres, o pânico reforça uma moralidade judaico-cristã que estaria ligada à submissão, ao conformismo e ao recato, distanciando-se de práticas de liberdade e da luta pelo direito ao próprio corpo.

Ainda segundo a autora e o autor, a retirada das discussões sobre gêneros e sexualidades da escola, ao invés de proteger crianças, adolescentes e mulheres, apenas facilita o acesso de quem agride, deixando essas pessoas vulneráveis a todo tipo de violação de direitos. Além disso, retira da educação sua função social de colaborar para a prevenção destes tipos de violência e, caso ocorram, contribuir para a denúncia e responsabilização dos agressores (BRUNETTO; SARTORI, 2023).

Assim como afirma Guacira Lopes Louro (2014), reconhecemos que a escola exerce pedagogias de gênero e sexualidade sobre todas as pessoas que a frequentam, constituindo sujeitos e produzindo marcas que possuem efeitos de verdade. Aquelas que eventualmente não se adequam a tais ideais normativos são imediatamente constituídas como desviantes da norma, estranhas, ou ainda, abjetas. Neste sentido, considerando que tais pedagogias se exercem por meio das atividades, linguagens, experiências e diversos contextos que constituem todo o ambiente escolar, estaria alguma disciplina imune a atuar como *locus* de reprodução destas relações de poder? Haveria alguma disciplina que pudesse isolar-se de tais discussões?

Em primeira análise, poderíamos sugerir tentativamente que o ensino das ciências ditas exatas¹⁴ não sofreria qualquer influência daquilo que usualmente

¹⁴ Em nossos escritos, temos utilizado o termo “ciências ditas exatas” para nos referir à Matemática, Física, Química, Computação, bem como qualquer outro campo do conhecimento usualmente classificado como “exato”. Entendemos que há forte semelhança na forma como tais áreas são socialmente

denominamos “questões de gênero”, uma vez que seriam disciplinas supostamente neutras, “objetivas” e passíveis de aprendizado por qualquer uma que assim desejasse.

Contudo, defendemos que inclusive tais disciplinas são atravessadas por questões envolvendo gêneros e sexualidades; isto é, durante o estudo destas disciplinas aprendemos *também* sobre gêneros e sexualidades, para além do conteúdo disciplinar em si. A suposição da neutralidade representa unicamente uma consequência de nossa cisão imaginária entre mente e corpo, como se fosse possível adentrar a sala de aula despides de todas nossas crenças e valores. Como bem lembra bell hooks (2018, p. 145):

Treinadas no contexto filosófico do dualismo metafísico ocidental, muitas de nós aceitamos a noção de que há uma separação entre o corpo e a mente. Ao acreditar nisso, os indivíduos entram na sala de aula para ensinar como se apenas a mente estivesse presente, e não o corpo. Chamar atenção para o corpo é traír o legado de repressão que de negação que nos tem sido passado por nossos antecessores na profissão docente, os quais têm sido, geralmente, brancos e homens.

No tocante ao ensino da Física, as questões envolvendo gênero têm sido pouco exploradas no cenário nacional, enquanto aquelas envolvendo sexualidades são praticamente inexistentes. Além disso, os trabalhos estão majoritariamente apoiados em um modelo binário de gênero, reforçando assim a cis-heteronormatividade (Hugo dos Reis DETONI; ESQUINCALHA, 2022). Apenas recentemente esta área de pesquisa foi tensionada quanto aos pressupostos cis-heteronormativos que são acriticamente mobilizados em seus escritos (Carolina de Barros VIDOR, 2021; DETONI, 2023).

No campo da Educação Matemática, por sua vez, tais temas têm sido objetos de pesquisa há algum tempo. Apesar disso, os currículos dos cursos de licenciatura ainda se mostram omissos em relação à formação docente para a diversidade de gênero e sexual (GUSE; WAISE; ESQUINCALHA, 2020). Nesta mesma pesquisa, os autores investigaram a percepção de 710 licenciandes em Matemática, de instituições públicas do estado do Rio de Janeiro, sobre a importância da discussão sobre a diversidade de

percebidas, supostamente possuindo atributos como “objetividade”, “neutralidade”, “impessoalidade”, “certeza”, dentre outros, além de deter privilégios enquanto discursos aptos a “dizer a verdade”.

gênero e sexual nas aulas de Matemática da educação básica e da licenciatura. Não obstante algumas opiniões em contrário, a maior parte dos respondentes defendem a importância da formação docente específica para a diversidade.

Desta forma, entendendo o campo da Educação (Matemática) também como espaço de luta e resistência frente ao avanço do conservadorismo, o Grupo de Pesquisa e Extensão MatematiQueer: Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática tem proposto, desde sua organização inicial em 2020, diversas frentes de investigação, ação e formação. Defendemos¹⁵, sobretudo, a necessidade de tensionar os pressupostos que orientam o ensino da Matemática, uma vez que “por meio de um discurso muitas vezes implícito, que vai além da Matemática que é evidenciada, as aulas de Matemática moldam modos de pensar a si e o mundo de formas muito particulares” (DETONI; GUSE; WAISE, 2022, p. 177).

Em nossas investigações, orientamo-nos por meio da seguinte inquietação: “que corpos podem ocupar as ciências ditas exatas?”. Buscamos questionar, tensionar e estranhar – na perspectiva dos Estudos Queer – práticas pedagógicas e saberes que eventualmente reforcem estereótipos cis-heteronormativos e que operem para excluir do fazer matemático certos grupos sociais¹⁶. Procuramos abalar determinadas certezas, ou discursos hegemônicos, que insistem em colocar as ciências ditas exatas em uma posição hierarquicamente superior às denominadas “humanas” para, desta forma, reivindicar o status científico e a capacidade (e o poder) de “dizer a verdade” (DETONI; GUSE; WAISE, 2022).

Desde seu surgimento, o Grupo tem evidentemente sofrido diversos ataques nas redes sociais, dado o cenário de crescente acirramento do conservadorismo no país. Em geral, tais agressões partem de uma perspectiva que concebe a Matemática, e as

¹⁵ A autora e os autores atuam no MatematiQueer desde a sua fundação.

¹⁶ Reconhecendo que não apenas estereótipos cis-heteronormativos devem ser combatidos, mas igualmente aqueles ligados a marcadores raciais/étnicos, religiosos, de classe, de regionalidade, de capacidade física, dentre outros, frequentemente adotamos em nossas investigações uma perspectiva interseccional.

ciências ditas exatas de modo geral, como conhecimento neutro e desassociado de questões políticas e sociais (MENDES; REIS; ESQUINCALHA, 2022).

Assim, este artigo tem como principais objetivos (i) apresentar o Grupo de Pesquisa e Extensão MatematiQueer: Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática, alguns de seus pressupostos relativamente ao campo da Educação Matemática, bem como ações de formação e projetos desenvolvidos e (ii) expor e analisar os discursos mobilizados por aqueles que atacam os projetos de pesquisa e extensão do Grupo – inclusive por parte de docentes do próprio instituto em que está sediado – tendo em vista o atual debate sobre “ideologia de gênero” e outras concepções socialmente difundidas sobre a Matemática.

O MatematiQueer como espaço de formação e de resistência

O Grupo de Pesquisa e Extensão MatematiQueer: Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática foi criado no início de 2020, associado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEMAT-UFRJ), a partir do desejo de seu coordenador de ampliar os temas considerados como de interesse para desenvolvimento de pesquisas no campo da Educação Matemática Inclusiva. Tal campo, apesar de consolidado, contava majoritariamente com pesquisas versando sobre os processos de ensino e de aprendizagem de Matemática para/por/com pessoas apoiadas pela Educação Especial.

Esse desejo se deu tanto pelas experiências pessoais quanto profissionais, como um homem gay que há mais de 20 anos frequenta diferentes institutos de matemática – locais ocupados predominantemente por homens brancos, cis e heterossexuais, e onde identidades diferentes dessas são historicamente não reconhecidas (WAISE, 2021) e, mais que isso, apagadas (Jéssica Maria Oliveira de LUNA, 2022), mesmo nas discussões sobre a formação docente em matemática. Esse desejo foi reforçado quando, durante uma entrevista na seleção para o mestrado do PEMAT-UFRJ, turma 2020, um

candidato se apresentou como um professor de Matemática e uma pessoa LGBTIA+, que almejava desenvolver uma dissertação que de alguma forma explorasse as relações que pessoas que dissidem da cis-heteronormatividade têm ou podem ter com a Matemática.

A partir daí, formou-se um grupo de pesquisa, com mais duas pessoas, que no mesmo ano se tornaram mais nove e, atualmente, no início de 2024, o MatematiQueer envolve cerca de 200 pessoas das cinco regiões do país, com diferentes formações e níveis de formação. Esse aumento significativo se deu a partir da apresentação de trabalhos dos membros do MatematiQueer em diferentes eventos nos campos da Educação e da Educação Matemática, e da criação das redes sociais do grupo, popularizando seus projetos e ações. Para receber pessoas novas, o MatematiQueer tem lançado chamadas públicas anuais.

Além dos projetos de pesquisa que versam sobre i) Educação Matemática Crítica, Direitos Humanos e Justiça Social; ii) Relações de Gênero e Feminismos em Educação Matemática; iii) Minorias Sexuais, Alteridade e Educação Matemática, nos quais são desenvolvidas pesquisas de iniciação científica, monografias de fim de curso de graduação, dissertações, teses e estágios pós-doutorais, o MatematiQueer também desenvolve ações extensionistas com foco no letramento e no empoderamento matemático de pessoas LGBTIA+ e meninas e mulheres em situação de vulnerabilidade social, não numa perspectiva neoliberal de empoderamento, mas com fundamento na ideia freiriana de leitura e escrita do mundo (com Matemática), explorada pelo educador matemático norte-americano Eric Gutstein (2006).

Ainda em relação à extensão, o MatematiQueer se ocupa da formação de licenciandes e professorias de Matemática e de outras áreas no campo das ciências ditas exatas para o fomento, o reconhecimento e a valorização das diferenças nas aulas de Matemática, reforçando a ideia de que quaisquer corpos, mesmo os que fogem aos padrões hegemônicos, podem ocupar a Matemática. O Grupo tem uma preocupação particular com o desenvolvimento de projetos que versem sobre essas questões desde a

Educação Básica, tendo parceria com sete escolas públicas em diferentes regiões do estado do Rio de Janeiro. Em seis delas é desenvolvido um projeto que tensiona, fomenta e valoriza o envolvimento de meninas e mulheres com Matemática desde o Ensino Fundamental, e, na sétima, está em desenvolvimento o projeto “Educação Matemática para valorização das diferenças e combate às discriminações”. Nesses dois projetos, mais de 30 pessoas já foram contempladas com bolsas, incluindo estudantes do ensino fundamental, do ensino médio e professoras dessas escolas.

Como comentado, as ações extensionistas do MatematiQueer se concentram principalmente na divulgação científica de temas relacionados a causas de meninas, mulheres e pessoas LGBTIA+ a partir das lentes da Educação Matemática, realizada por meio das redes sociais Instagram¹⁷ e YouTube¹⁸, e por meio do MatematiQueer Podcast¹⁹, e em ações formativas que ocorrem tanto virtual quanto presencialmente, já tendo alcançado diretamente cerca de 5.000 pessoas. Os projetos do MatematiQueer têm conseguido fomento institucional da UFRJ, que sedia o Grupo, assim como da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) por meio de bolsas de pesquisa desde o Ensino Médio até o Doutorado, e da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) para viabilização de cursos e publicação de livros. As ações do MatematiQueer são acessíveis, contando com audiodescrição e intérpretes de Libras, sempre que possível, reforçando uma preocupação com a inclusão de todas as pessoas.

Apesar de tantas ações e frentes de pesquisa, o MatematiQueer, desde sua fundação, também é alvo de muitas críticas que vão desde o já clássico questionamento “o que Matemática tem a ver com gêneros e sexualidades?”, até ameaças e ofensas

¹⁷ <http://www.instagram.com/MatematiQueer>

¹⁸ <http://www.youtube.com/MatematiQueer>

¹⁹ <https://podcasters.spotify.com/pod/show/matematicqueer>

públicas, passando por várias *fake news* divulgadas por políticos ligados à extrema direita e em perfis ultraconservadores em diferentes redes sociais.

O campo de pesquisa dos Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática é ainda emergente, mas já era urgente, e graças aos sistemas de opressão de minorias, fortificados por movimentos conservadores que sim, ideologizam a Educação e subjagam pessoas dissidentes das cis-heteronormas, toma corpo não só pelas mãos de membros do MatematiQueer, mas de diversas pesquisadoras pelo Brasil e pelo mundo como resposta a opressão cada vez maior, mas também pela percepção de que esse campo tem fundamento na chamada virada sociopolítica da Educação Matemática (Rochelle GUTIERREZ, 2013) e nas discussões de uma Educação Matemática para Justiça Social. A virada sociopolítica da Educação Matemática reconhece que os processos de produção, ensino e aprendizagem de matemática são sociocultural, histórica e politicamente situados, e que faz diferença quem é a pessoa na compreensão de como é sua relação com a Matemática. Além disso, esse campo emergente se fundamenta também nas pesquisas do já consolidado campo dos Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação.

Quem ataca o MatematiQueer?

Nesse trabalho, escolhemos utilizar alguns dos vários ataques que o MatematiQueer tem sofrido desde a sua fundação para exemplificar os pensamentos das pessoas por trás desses. Percebemos que os argumentos utilizados estão, em sua maioria, pautados em visões conservadoras em relação à sociedade de uma forma geral ou em relação à Matemática. Para desenvolver essa análise, vamos mencionar uma matéria²⁰ publicada no jornal digital Gazeta do Povo, que possui um posicionamento

²⁰ SANTOS, Jocelaine. Matemática para discutir questões de gênero? Saiba o que prega a matemática queer. **Gazeta do Povo**, 2 de março de 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/matematica-genero-matematica-queer/>. Acesso em 8 de agosto de 2023.

conservador explícito em suas convicções apresentadas no site. Outra matéria²¹ que analisaremos foi publicada pela Revista Oeste, que se autodeclara na linha de pensamento liberal-conservador. Também utilizaremos algumas postagens de redes sociais, como Facebook e Instagram, que foram direcionadas ao Grupo.

Para iniciar essa discussão, é importante explicitar o que nós **não** somos enquanto Grupo. Os títulos das duas matérias mencionadas acima são, respectivamente, “Matemática para discutir questões de gênero? Saiba o que prega a matemática queer” e “Contra o preconceito, UFRJ tem curso de ‘matemática LGBTQ+ para doutorandes’”. Nos dois casos, as matérias conduzem a um entendimento de que a pesquisa desenvolvida no MatematiQueer está inclusa na área da Matemática (Ciências Exatas), o que não é o caso, visto que somos um grupo no campo da Educação Matemática (Humanidades). Essa percepção errônea pode estar pautada na ignorância dos jornalistas quanto a essa característica do MatematiQueer. Ou então, na amplamente aceita e falsa premissa de que a Educação Matemática é uma mera divulgadora dos conhecimentos produzidos pela Matemática, isto é, uma subárea desta (Antonio MIGUEL; Antonio Vicente Marafioti GARNICA; Sônia Barbosa Camargo IGLIORI; Ubiratan D’AMBROSIO, 2004).

Os títulos das matérias não apenas localizam o MatematiQueer no campo da Matemática, como afirmam que nós produzimos uma matemática específica ao trazerem termos como “matemática LGBTQ+” e “matemática queer”, que, inclusive, nunca foram utilizados pelo Grupo. Apesar de equivocada, tal classificação opera para descredibilizar nossas produções, como se fossem de alguma forma enviesadas e desviassem do ideal de neutralidade que convencionalmente se atribui à Matemática.

²¹ COSTA, Cristyan. Contra o preconceito, UFRJ tem curso de ‘matemática LGBTQ+ para doutorandes’. **Revista Oeste**, 8 de agosto de 2022. Disponível em: <https://revistaoste.com/brasil/contra-o-preconceito-ufjr-tem-curso-de-matematica-lgbt-para-doutorandes/#:~:text=Desde%202020%2C%20a%20Universidade%20Federal,%C3%A0%20popula%C3%A7%C3%A3o%20LGBT%2B%20na%20sociedade%E2%80%9D>. Acesso em: 8 de agosto de 2023.

O objetivo do Grupo é promover reflexões sobre porque discutir gêneros e sexualidades é importante para a área de Educação Matemática e como professorias dessa disciplina podem contribuir sem se limitarem às visões hegemônicas. Tal entendimento parte principalmente do fato de que o ensino convencional da Matemática, seja por meio de enunciados de questões ou de temas utilizados para contextualizar, pressupõe e reforça ideais cis-heteronormativos (DETONI; GUSE; WAISE, 2022).

Em nenhum momento tentamos trabalhar com uma “matemática queer”. Conforme discutimos anteriormente, o termo “queer” presente no nome do Grupo é entendido na perspectiva do estranhamento à normalização. Essa normalização pode ser percebida tanto na heterossexualidade compulsória quanto em relação à concepção essencialista de identidade do movimento homossexual dominante (LOURO, 2020). Ser contrário a essa normalização implica ser contrário à discriminação.

A matéria da Revista Oeste citada acima é majoritariamente voltada para apontar o uso da linguagem neutra em gênero, pelo MatematiQueer, de forma pejorativa, tendo sido motivada por uma postagem feita na página do Instagram do Grupo anunciando doutorandes recém-ingresses da turma de 2022 no PEMAT-UFRJ. Essa mesma postagem também repercutiu em um grupo fechado no Facebook cujos membros são majoritariamente pessoas LGBTQIA+. Nesse grupo, o foco dos comentários esteve em ironias e piadas em relação à utilização da linguagem neutra. Um grupo de pessoas socialmente marginalizadas marginalizando suas pares por meio do deboche.

A linguagem neutra tem o objetivo de não marcar gênero algum e abarcar pessoas cujas identidades de gênero não são contempladas pela binaridade homem-mulher. Entretanto, a sua utilização ainda é controversa e os ataques que recebemos em relação a isso refletem essas críticas, o que também revela uma falta de cuidado com as pessoas que não se sentem confortáveis em serem referenciadas pelos pronomes usuais que marcam o gênero. Sobre as críticas, algumas argumentam que, gramaticalmente, a não marcação do gênero é feita pelo masculino, porém esse uso tem

sido progressivamente questionado, principalmente ao ser evidenciado que essa é uma prática sexista de centralização da figura do ser humano no homem cis (Fabiola Sucasas Negrão COVAS, Lucas BERGAMINI, 2021). Por outro lado, há que se tomar cuidado para que o plural genérico da linguagem neutra não apague lutas feministas, por exemplo.

Será que realmente é apenas preciosismo com a gramática, então? As críticas ao sistema de não marcação vigentes não são recentes e implementações como “todas e todos” são, no geral, bem aceitas. De acordo com Covas e Bergomini (2021), um dos principais argumentos contrários à utilização da linguagem neutra, para além da gramática, é a politização do uso da linguagem. Não podemos negar ou tentar mascarar o posicionamento político da utilização da linguagem neutra, e isso incomoda as pessoas conservadoras que tentam preservar uma suposta neutralidade política em diversas áreas, em especial, na educacional. Nestes casos, contudo, a “neutralidade” defendida por grupos conservadores serve unicamente como guarida às práticas que invisibilizam as diferenças e que são, portanto, excludentes.

Convidado para comentar sobre o MatematiQueer na matéria do Gazeta do Povo, o antropólogo e doutor em Educação Augusto Sá afirma que “Essas propostas [como a da “matemática queer”] não estão ligadas ao ensino em si de matemática, mas a questões políticas e sociais”. Entretanto, acreditamos que questões ligadas ao político e ao social estão relacionadas com o ensino de qualquer disciplina, porque as próprias questões do ensino são também políticas e sociais.

Ainda de acordo com Sá, “o risco é que se tenha aulas de matemática cada vez mais ideologizadas e menos focadas na ciência matemática”²². Esse trecho da matéria do Gazeta do Povo ressalta uma noção comum de que temas como gêneros e

²² SANTOS, Jocelaine. Matemática para discutir questões de gênero? Saiba o que prega a matemática queer. **Gazeta do Povo**, 2 de março de 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/matematica-genero-matematica-queer/>. Acesso em 8 de agosto de 2023.

sexualidades não devem estar presentes na sala de aula de Matemática e que abordar essas questões é abandonar a Matemática, que deveria ser “neutra” e “apolítica”.

Essa visão também se mostra presente em mensagens recebidas de forma privada na página do MatematiQueer no Instagram. Um jovem rapaz, aparentemente usando um perfil real, nos enviou:

ao encontrar o trabalho de vocês no youtube eu chorei. chorei por amar a matemática e voces estarem destruindo ela. voces não entenderam o conceito de matemática. de certo, de errado, de verdade, de mentira. por favor, pesquisem mais sobre a matemática em sua fundação. voces acabaram com meu dia! passei anos da minha vida estudando matemática como aluno olímpico, quero me formar em matemática. Me desculpe, mas vocês estão muito equivocados.²³

Percebemos, nesse argumento, uma visão do autor da mensagem sobre a Matemática como se esta tivesse, de alguma forma, relação com a verdade e a mentira. É como se a Matemática estivesse no lugar do sagrado para esse rapaz, de modo que não pudesse ser “estranhada”, tampouco as relações das pessoas com ela.

Tal percepção sobre a Matemática começa pela sua concepção como algo belo e divino, presente nos trabalhos dos pitagóricos e de nomes famosos da História das Ciências e da Matemática, como Galileu, Descartes e Newton (Ole RAVN; Ole SKOVSMOSE, 2019). A matemática é percebida, nesse contexto, como um meio de expressar a racionalidade de Deus. Por mais que atualmente não haja mais, na maioria das produções acadêmicas, referências ao caráter divino da matemática, as consequências desse pensamento se fazem presentes, das quais destacamos a “ideologia da certeza”, que ampara o poder da matemática de “conter o argumento definitivo” (SKOVSMOSE; Marcelo de Carvalho BORBA, 2001, p. 127) em muitas discussões.

Entretanto, entendemos que as humanidades existem na produção matemática, no ensino de Matemática e na aprendizagem matemática. Afinal, os números e as ferramentas matemáticas não possuem “vontade própria” e são usados de acordo com

²³ Nesse trecho, optamos por preservar a escrita literal do autor da mensagem.

interesses das pessoas que os produzem e utilizam. A Matemática não é neutra, ela está sempre a serviço de alguém.

A maioria dos ataques que o Grupo recebeu por meio das redes sociais ocorreram após o anúncio do ingresso de duas pessoas no doutorado, como já explicado acima. Nesse anúncio do MatematiQueer, o público teve acesso apenas ao título das pesquisas iniciais dos doutorandos, intituladas, na época, "Práticas insubordinadas nas aulas de matemática: a questão da transexualidade e da travestilidade" e "Por matemáticas que escapam das cis-heteronormas: olhares para as formações e práticas docentes de professorias LGBTIA+ de Matemática". Como essa era a única informação disponível sobre as pesquisas a serem desenvolvidas, podemos pensar que os comentários relacionados à relevância dessas foram feitos a partir de ignorância em relação aos temas ou puro preconceito. Outra possibilidade é o fato do incômodo gerado em algumas pessoas pelo ingresso de uma mulher trans em um curso de doutorado, ainda mais em uma área lida socialmente como exata, já que títulos de pesquisas já haviam sido postados antes, e com o uso de linguagem neutra.

Assumindo a ignorância das pessoas que a atacavam, uma das pessoas atacadas respondeu aos comentários em um post de um perfil no Instagram²⁴, buscando explicar a relevância da sua pesquisa. Entretanto, ao se findarem os "argumentos" daqueles que atacavam, essas pessoas teceram comentários transfóbicos para atacá-la. Esse fato mostra que, ainda que uma defesa da suposta neutralidade da Matemática possa explicar alguns ataques, muitos deles são movidos por puro preconceito.

Para tentar "justificar" a LGBTIA+fobia sem serem explícites, as autoridades desses ataques utilizam diversos recursos. Entre esses, destacamos uma *fake news* divulgada por um deputado federal do Rio de Janeiro ao comentar a matéria da Revista Oeste em um vídeo em seu Instagram. O deputado, em tom de revolta, comenta a reportagem e emenda em uma fala sobre "cotas" para professorias LGBTIA+ na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o que não havia fundamento algum, nem

²⁴ Esse perfil não está mais disponível no Instagram.

relação com o que foi divulgado pela matéria, ignorando todo o rigoroso processo de um concurso público para a carreira do magistério superior nas universidades federais.

Em outros casos, as pessoas que atacam nem tentam manter aparências para mascarar a LGBTIA+fobia. Em outra postagem do Instagram, que comentava sobre algumas discussões relacionadas a letras preconceituosas das músicas dos Mamonas Assassinas²⁵, um usuário comentou “Vamos juntar todo mundo da página @matematiqueer e colocar dentro de um avião... pode deixar que eu farei uns ajustes”.

Embora pudéssemos elencar dezenas de ataques das mais diferentes naturezas e origens, finalizaremos com uma sequência de comentários realizadas por um egresso e por um docente do Instituto de Matemática que sedia o MatematiQueer, em reação à matéria publicada na Revista Oeste, já citada. Um egresso do curso de Matemática Aplicada, ao ter acesso à reportagem, enviou para uma lista de e-mails com docentes, discentes e egresses do curso “Alguém pode compartilhar mais detalhes sobre esta notícia? O que significa matemática “cis” ou “trans”? Dependendo de quem calcula, $2+2$ não são 4?”. Confrontado por estudantes, o egresso respondeu de forma meritocrata, afirmando que bastava saber muita matemática para ter sucesso, ignorando as desigualdades e a falta de equidade em nossa sociedade, além do deboche ao inventar termos nunca usados pelo MatematiQueer, em seu primeiro e-mail, como “matemática ‘cis ou trans’”.

Ignorando as reclamações da maior parte dos estudantes que se manifestaram na lista, um docente respondeu à mensagem original: “Deixe-me tentar explicar o que está escrito no artigo: [...] As pessoas ficam tão entediadas que começam a brincar com seus genitais (no momento dever ser do tipo LGBTQ+). A nova aritmética de $2+2$ foi inventada pelos khmer vermelho: O resultado é sempre o que diz a administração. Se for 69, que assim seja.”. Esse excerto nos mostra o descaso e o desrespeito não só com o MatematiQueer, mas com as pessoas LGBTIA+ e com a própria administração da

²⁵ Banda brasileira de rock formada em 1995. Todos os seus integrantes morreram em um trágico acidente aéreo em 1996.

instituição. Tudo foi devidamente denunciado à Ouvidoria Geral da Universidade, que encaminhou para um Comitê de Ética, e à direção do Instituto, que emitiu uma nota pública²⁶ afirmando que não compactua com qualquer tipo de discriminação.

No fim, os ataques aqui relatados tornam-se argumentos para mostrar a relevância das nossas pesquisas e ações extensionistas. Afinal, são motivados por ignorância e ódio a pessoas LGBTIA+. Além disso, diferentemente daquilo que é defendido por muitos, a Matemática não é um campo neutro e isento de injustiças, e traçar caminhos dentro da Educação Matemática que buscam evidenciar vivências de alunes e professorias LGBTIA+ é uma necessidade e uma urgência.

Reflexões finais

Iniciamos este texto apresentando alguns eventos recentes ocorridos no cenário político brasileiro que corroboram a tese de que a forte escalada do conservadorismo, experimentada entre os anos de 2019 e 2022, não tem dado sinais de arrefecimento. Apesar da vitória de um governo de centro-esquerda, o parlamento brasileiro, em especial a Câmara dos Deputados, testemunhou um aumento significativo na composição das bancadas de parlamentares de direita e extrema-direita.

O aumento dessa representatividade no parlamento é reflexo ainda de um clima conservador no país como um todo, que busca exercer o controle sobre os mais diversos espaços da vida social, inclusive do campo educacional. Para isto, são formulados argumentos esvaziados de significado com a finalidade de deslegitimar propostas de caráter progressista, como aquelas que visam discutir sobre gêneros e sexualidades sob uma perspectiva feminista.

²⁶ NOTA: Projeto MatematiQueer. **Instituto de Matemática**, 12 de agosto de 2022. Disponível em: <http://im.ufrj.br/index.php/pt/noticias-e-eventos/noticias/1929-nota-projeto-matematiqueer>. Acesso em: 24 jul. 2023.

Neste caso, o termo “ideologia de gênero”, apesar de nunca ter sido proferido por nenhum pesquisador, educador ou político engajado em tais propostas, tem sido utilizado para implantar um pânico moral em meio à população mais ampla que, geralmente, não domina o debate acadêmico e político ao ponto de identificar que se trata de uma falácia.

Em meio a este cenário conturbado, e em contraposição a ele, apresentamos o Grupo de Pesquisa e Extensão MatematiQueer: Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática, sediado no Instituto de Matemática da UFRJ. O Grupo atua como um *locus* de resistência, seja por meio da produção de conhecimento, seja por meio do desenvolvimento de ações extensionistas que oferecem formação continuada a professoras que ensinam Matemática, além daquelas voltadas a estimular o ingresso e a permanência em cursos relacionados às ciências ditas exatas por parte de pessoas socialmente marginalizadas.

Ao longo dos anos o Grupo tem sofrido diversos ataques nas redes sociais por parte tanto de pessoas politicamente expostas, como Deputados Federais, quanto por parte daqueles que de alguma forma se sentem autorizados (e capacitados) para questionar, debochar ou deslegitimar o trabalho desenvolvido. Conforme discutimos ao longo do texto, tais ataques partem de uma ignorância quanto ao campo de conhecimento no qual estamos situados (Educação Matemática), e sobretudo de uma visão distorcida da Matemática, pressupondo algumas características que ela não tem, como neutralidade, objetividade e imunidade a questões políticas e sociais. Há ainda aqueles que, dada a total ausência de argumentos, apenas externam preconceito e LGBTIA+fobia.

Apesar dos percalços enfrentados até o presente momento, avaliamos que tais ocorrências são indicativas de que nosso trabalho é urgente, necessário e que está surtindo efeito, nem que seja para desestabilizar alguns pressupostos preconceituosos de parte da população, que se supõe mal-informada a respeito de questões envolvendo gêneros e sexualidades. É verdade, contudo, que recebemos com espanto (e certa

indignação) quando somos atacados por aqueles dos quais esperaríamos o mínimo de respeito intelectual e moral, como egressos e docentes do próprio instituto onde estamos sediados.

Seguiremos firmes em nossos esforços de tensionar as ciências ditas exatas, buscando mostrar que os atributos de neutralidade, objetividade e desinteresse político e social não se sustentam nesses campos. Continuaremos defendendo que **todas** as ciências são humanas e sociais, uma vez que são desenvolvidas por pessoas inerentemente imbricadas em relações de poder – de gênero, raça/etnia, classe, religiosidade, funcionalidade física e mental, regionalidade, dentre outras – e que usam o conhecimento produzido para determinadas finalidades, estando tal conhecimento, portanto, imbuído de intencionalidades.

Desta forma, esperamos possibilitar que mais corpos dissidentes dos padrões sociais hegemônicos – em especial aqueles que desviam das cis-heteronormas – possam ocupar tais espaços de poder, uma vez que reconhecemos que estas ciências gozam de prestígio social e circulam produzindo efeitos de verdade. Sendo assim, não podem continuar em domínio (e a serviço) de uma pequena parcela da sociedade que as utilizam para perpetuar seus privilégios.

Referências

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, 2011, p. 549-559.

BORBA, Marcelo; SKOVSMOSE, Ole. (2001). A ideologia da certeza em educação matemática. In: SKOVSMOSE, Ole (Ed.), **Educação Matemática Crítica: a questão da democracia**, 2001, p. 127–160. Papirus.

BRUNETTO, Dayana; SARTORI, Thiago Luiz. Neoconservadorismo e “Ideologia de Gênero”: o favorecimento do estupro. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 6, n. 19, 2023, p. 195-214.

CONFIRA os partidos que mais ganharam e mais perderam deputados nas eleições. **Câmara dos Deputados**, 4 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/911890-confira-os-partidos-que-mais-ganharam-e-mais-perderam-deputados-nas-eleicoes/>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

COVAS, Fabíola Sucasas Negrão; BERGAMINI, Lucas Martins. Análise crítica da linguagem neutra como instrumento de reconhecimento de direitos das pessoas LGBTQIA+. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, 2021, p. 54892–54913.

CPI do MST tem nova onda de ataques machistas contra Sâmia Bomfim. **CartaCapital**, 12 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/cpi-do-mst-tem-nova-onde-de-ataques-machistas-contrasamia-bomfim/>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

DETONI, Hugo dos Reis, GUSE, Hygor Batista; WAISE, Tadeu Silveira. Um olhar queer para a Educação Matemática. In: ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição (Ed.). **Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática**. Brasília: SBEM Nacional, 2022, p. 160–187

DETONI, Hugo dos Reis; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Um mapeamento de pesquisas em Ensino de Física sobre gêneros e sexualidades. **Revista Interdisciplinar em Ensino de Ciências e Matemática**, v. 2, n. 2, 2022, p. 186-202.

DETONI, Hugo dos Reis. **Pesquisas sobre gênero e sexualidade no Ensino de Física: um estado do desastre**. 2023. 241f. Tese (Doutorado em Ensino e História da Matemática e da Física)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GUSE, Hygor Batista, WAISE, Tadeu Silveira; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. O que pensam licenciandos(as) em matemática sobre sua formação para lidar com a diversidade sexual e de gênero em sala de aula? **Revista Baiana de Educação Matemática**, v. 1, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47207/rbem.v1i.9898>. Acesso em: 24 jul. 2023.

GUTIÉRREZ, Rochelle. The Sociopolitical Turn in Mathematics Education. **Journal for Research in Mathematics Education**, v. 44, n. 1, 2013, p. 37–68.

GUTSTEIN, Eric. **Reading and writing the world with mathematics: Toward a pedagogy for social justice**. New York: Routledge, 2006.

hooks, bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 143-156.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LUNA, Jéssica Maria Oliveira de. **Dos apagamentos históricos aos feminismos plurais: narrativas de licenciandas em matemática sobre seus processos formativos**. 2022. 173f. Tese (Doutorado em Ensino e História da Matemática e da Física)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

MENDES, Luísa Cardoso; REIS, Washington Santos; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Por que algumas pessoas se incomodam com a pesquisa sobre gêneros e sexualidades em Educação Matemática? In: ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição (Ed.). **Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática**. Brasília: SBEM Nacional, 2022, p. 24-46.

MIGUEL, Antonio; GARNICA, Antonio Vicente Marafioti; IGLIORI, Sônia Barbosa Camargo, & D'AMBROSIO, Ubiratan. A educação matemática: breve histórico, ações implementadas e questões sobre sua disciplinarização. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, 2004, p. 70–93. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782004000300006>

RAVN, Ole; SKOVSMOSE, Ole. *Connecting Humans to Equations: A Reinterpretation of the Philosophy of Mathematics*. Cham: Springer, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-030-01337-0_12. Acesso em: 24 jul. 2023.

VIDOR, Carolina de Barros. **A constituição performativa de identidades na pesquisa em ensino de física: uma perspectiva pós-estruturalista a partir da filosofia política feminista de Judith Butler**. 2021. 346f. Tese (Doutorado em Ensino de Física)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

WAISE, Tadeu Silveira. **Cenários de reconhecimento em contextos de minorias sexuais e de gênero na aula e na formação inicial de docentes de matemática**. 2021. 145f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

MatematiQueer as a site of resistance to the escalation of conservatism and promotion of education in Genders, Sexualities and Mathematics Education

Abstract: In times of rising conservatism in the political and social spheres, addressing genders and sexualities within the realm of education, particularly in Mathematics Education, becomes an arena of exposure. Through digital means, conservatives find comfort in attacking research of critical nature, especially those stemming from public universities. In this context, the research and extension group "MatematiQueer" emerges as a site of resistance against this conservatism. This article has as its primary objectives (i) to introduce the Research and Extension Group "MatematiQueer: Gender and Sexuality Studies in Mathematics Education," along with some of its assumptions regarding the field of Mathematics Education, as well as training activities and projects undertaken, and (ii) to expose and analyze the discourses employed by those who assail the research and outreach projects of the group – including from faculty members within the very institute where the group is based – considering the ongoing debate surrounding "gender ideology" and other socially disseminated conceptions about Mathematics. In conclusion, we reaffirm the significance of MatematiQueer's resistance within the realm of Mathematics Education, focusing on the teaching and learning of a discipline often considered by many as "neutral" and "apolitical."

Keywords: Mathematics Education. Genders and Sexualities. Political Resistance. Research and Extension. Teacher Education.

Recebido: 19/08/2023

Aceito: 15/02/2024